



## APRESENTAÇÃO – DOSSIÊ “A ANÁLISE DO DISCURSO MATERIALISTA E AS DISPUTAS DE SENTIDO NO BRASIL ATUAL”

Flávio da Rocha Benayon<sup>1</sup>

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)*

Liliane Souza dos Anjos<sup>2</sup>

*Universidade Estadual Paulista (UNESP)*

Felipe Augusto Santana do Nascimento<sup>3</sup>

*Instituto Federal de Alagoas (IFAL)*

Com a temática “Análise do Discurso materialista e a disputa de sentidos no Brasil atual”, o conjunto de artigos que compõem este dossiê faz intervir a contradição em temáticas-chave para a compreensão do funcionamento de sentidos em tensão no quadro atual da formação social brasileira. Mobilizados por diferentes questionamentos, os autores aqui reunidos oferecem valiosas contribuições para pensar as condições de produção de um país inscrito em mudanças operadas globalmente. A polarização política, que persiste mesmo após as eleições, o fortalecimento de grupos conservadores, as desigualdades agravadas pela pandemia são alguns dos elementos que contribuem para marcar as diferenças vistas cotidianamente na forma de oposições, dicotomias e dualidades. As oposições, porém, são incapazes de resumir os diferentes matizes de sentido e o acirramento das disputas simbólicas cujo motor é a contradição estruturante da sociedade.

Olhar para as disputas de sentido no Brasil atual é um convite para compreender como referências discursivas vão sendo construídas como unidades unívocas, quando, ao contrário, são unidades divididas. Esse efeito de evidência forja a naturalização e a homogeneização de sentidos contraditórios e heterogêneos que são produzidos em um espaço discursivo de luta e de disputa. Fazendo funcionar a contradição, a Análise do Discurso materialista evidencia as condições materiais e históricas de existência e os processos de identificação e interpretação dos sujeitos que se apresentam como donos e origem de seu dizer.

Se, nas palavras de Michel Pêcheux (2009, p. 150) em Semântica e Discurso, “o sujeito se constitui pelo ‘esquecimento’ daquilo que o determina” e a sua constituição é construída na “unidade (imaginária) do sujeito”, podemos afirmar que o sentido também se apresenta como uma unidade imaginária que lhe é imposta como uma “realidade” universal não contraditória. Ao contrário de disputas de sentido, para o sujeito, que se identifica consigo mesmo e com o seu dizer, temos um sentido (a “sua” verdade) que deve se impor aos outros sentidos possíveis. Essa

<sup>1</sup> Professor Adjunto de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: flavio.benayon@ufms.br

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), na Universidade Estadual Paulista (UNESP- Bauru). Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Linguística pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: lilianesouzaanjos@gmail.com

<sup>3</sup> Professor de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Alagoas (IFAL). Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágios doutoriais na Université Sorbonne Nouvelle (Paris III) e na Universidad de Buenos Aires (UBA). Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: felipe.nascimento@ifal.edu.br



coincidência entre a identificação do sujeito e o seu dizer ocasiona uma indiferenciação entre o que é dito e quem diz, produzindo o esquecimento das suas determinações e o apagamento das disputas na produção discursiva.

Ora, como bem nos lembra Michel Pêcheux na mesma obra, o discurso está submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação. Então, embora se apresente como única verdade para o sujeito identificado, a produção do sentido de um objeto discursivo é resultado de apagamentos das contradições de determinadas condições sócio-históricas de produção. Tensionar essas contradições e evidenciar as disputas em torno dos sentidos é o que os artigos deste dossier se propõem, fazendo eco ao ensinado por Pêcheux (2012, p. 161) de que é preciso “suportar a categoria da contradição” em nossas análises.

Agrupados em seis eixos - cidade, religião, gênero, discurso jurídico, racialidade e discurso no digital - os dezessete textos deste dossier conduzem o leitor a diferentes pesquisas orientadas a tais discussões. Começamos, então, nosso percurso de reflexão pensando a cidade, a partir do texto **“Amazônia em discurso: apagamentos, exclusões, pertencimentos e resistências”**, de Luiz Carlos Martins de Souza. A partir de diferentes materialidades textuais, o autor analisa os sentidos sobre a Amazônia e o amazônida, apontando para duas grandes formações discursivas em disputa, uma de caráter preservacionista e outra de caráter predatório, as quais, embora distintas, contribuem para a desumanização da Amazônia e de seus habitantes.

O artigo **“Cabeça do Cachorro: belezas e desafios na disputa por sentidos”**, de Sabrina Sant’Anna Rizental, por sua vez, ao analisar algumas denominações sobre a cidade de São Gabriel da Cachoeira, localizada no extremo Noroeste do Brasil, observa como a contradição funciona entre “o verde e o acinzentado” na disputa de sentidos sobre essa cidade e seus sujeitos. Outra cidade é objeto de análise no artigo de Bruna Domingos Ribeiro. Em **“Entre um axé e um amém: a cidade do Rio de Janeiro em disputa”**, a autora analisa a tensão em torno dos sentidos de território do Rio de Janeiro, observando como as práticas religiosas atravessadas por discursos racializados funcionam discursivamente na cidade, inscrevendo sentidos sobre sujeitos que nela se significam.

Também refletindo sobre a religião, o texto **“O discurso maniqueísta na constituição dos sujeitos na 30ª Marcha Para Jesus”**, de Maitá de Paula Silva e Guataí de Paula Silva, reflete sobre o discurso do ex-candidato a reeleição à presidência, Jair Bolsonaro, durante a 30ª Marcha Para Jesus, evento marcado pelo discurso maniqueísta produtor de identificação de sujeitos à ideologia cristã e a valores conservadores. As autoras, assim, observam que a dualidade “bem versus mal” é fundamental para compreensão dos sujeitos no atual cenário democrático brasileiro.

Em **“A Mulher na família tradicional cristã: imagens produzidas no discurso neopentecostal do programa The Love School”**, Marcella Karoline Belo Rodrigues e Nayana Ferraz da Fonseca descrevem o funcionamento da imagem feminina e da família tradicional cristã no episódio “Como homens e mulheres funcionam”, do programa The Love School: Escola do Amor. As autoras, assim, observam como, ao apelar para o pânico moral, o discurso neopentecostal filiado a uma ideologia neoliberal produz uma hierarquização social entre homens e mulheres, naturalizando o modelo de família tradicional que relega a mulher às posições conservadoras de auxiliadora e opositora idônea.

Ainda nesse eixo temático, Rian Caetano de Oliveira e Flavio da Rocha Benayon, em seu artigo **“A produção de sentidos sobre a homossexualidade em entrevistas com líderes religiosos evangélicos”**, analisam como é atualizada a memória discursiva da homossexualidade em enunciados de líderes religiosos evangélicos, produzindo sentidos sobre homossexual e homossexualidade relacionados a um comportamento voluntarista. Consequentemente, são atualizados sentidos sobre “família”, vinculando-a ao ideal cis-heteronormativo.



Ao discutir sobre gênero, Camila Machado Cruz, no artigo “**Dizeres sobre a linguagem neutra de gênero no ciberespaço: língua e gênero em discursividade**”, a partir de diferentes materialidades significantes, debruça-se sobre a linguagem neutra de gênero em circulação no ciberespaço. O texto, então, discute como sujeitos, na posição de linguista, podem produzir sentidos que oscilam entre a incerteza sobre o uso dessa linguagem e a busca de autoridade sobre a língua portuguesa. Outra reflexão que tangencia a temática de gênero é a elaborada por Luiz Davi Alves Castilho e Liliane Souza dos Anjos. Intitulado “**Vai ter trans na Unicamp!: o compromisso de isonomia jurídica como espaço de disputa**”, o artigo observa como o discurso jurídico é mobilizado para sustentar dizeres antagônicos sobre a reserva de vagas para pessoas trans, travestis e não-binárias no vestibular Enem-Unicamp. Ao descreverem os efeitos da contradição, os autores chegam à conclusão de que a isonomia ora funciona como justiça social, ora pelo apagamento das condições materiais de existência dos sujeitos.

Ao tematizar o discurso jurídico, José Ricardo Menacho e Joelma Aparecida Bressanin, em seu texto “**A legítima defesa e a concretização de direitos: sentidos em disputa**”, a partir do plano de governo de candidatos à Presidência da República, nas eleições de 2022, buscam analisar a relação entre a legítima defesa e a concretização de direitos fundamentais, observando que a política do performativo apaga o político e produz um sentido de unidade para a legítima defesa como parte de uma política de segurança pública. Já no artigo “**Família ou famílias: discursividades em conflito sobre ‘a família’ em projetos de lei apresentados ao Congresso Nacional Brasileiro**”, de Luciano Arêas do Nascimento, são analisados os processos de significação e de subjetivação acerca da “família brasileira” em projetos de Lei que foram protocolados no Congresso na década de 2010. O autor, assim, observa que o significante “família” passou por uma disputa de sentidos que diz respeito aos modos de subjetivação sobre o que deve ou não ser considerado parte de uma entidade familiar.

Pensando a racialidade, Felipe Augusto Santana do Nascimento, Amanda Vitória Silva Azevedo e Ana Júlia Virtuoso Alves, no texto “**Sujeitos negros e seus espaços de vida em dicionários escolares de Língua Portuguesa**”, analisam como o sujeito lexicógrafo materializa e atualiza sentidos sobre sujeitos negros e seus espaços de vida em dicionários escolares brasileiros. Os autores observam que, ao legitimar sentidos nesses instrumentos linguístico-pedagógicos, produz-se a classificação e a hierarquização de sujeitos e de seus espaços de vida na formação social brasileira, sustentada na categoria “raça”. Também discutindo racialidade, em seu “**Gestos de resistência na escrita de/sobre mulheres negras**”, ao fazer trabalhar a noção de resistência, Alice do Nascimento Macedo, Alana Cleyca e Rogério Modesto analisam a escrita de Maria Firmina dos Reis e a escrita sobre Esperança Garcia, observando deslocamento, rupturas e inversões de sentido no funcionamento do “falar sobre”. Os autores, dessa forma, apontam como o gesto de escrita dessas mulheres produziram um acontecimento discursivo que põe a mulher negra no lugar de autora-mulher-negra na formação social escravocrata brasileira.

Natalie Soares dos Santos Novais, Anderson Lins e André Cavalcante, por sua vez, discutem a racialidade a partir de uma produção audiovisual. O texto “**Uma análise discursiva da posição-sujeito ‘mulher-negra’ na obra ‘A vida e a história de Madam CJ Walker’**” analisa a constituição da posição-sujeito mulher (e) negra nessa obra, observando como as estruturas diferentes de opressão forjam uma posição-sujeito mulher-negra que faz tensionar discursividades de gênero e de raça. Assim, na minissérie, discursividades gendradas e racializadas específicas produzem inferiorização baseada em padrões brancocêntrico e sexista.

A relação entre corpo negro que produz conteúdo e a dinâmica racializada dos algoritmos é



o foco do artigo “**Efeito de transparência em processos algorítmicos opacos: tensões raciais em espaços enunciativos informatizados na produção de conteúdo**”. Nele, Felipe Muniz e Rogério Modesto trabalham analiticamente uma entrevista concedida por um produtor de conteúdo, homem negro, a partir da qual é possível refletir sobre as relações racializadas, mesmo quando mediadas por algoritmos - estes frequentemente percebidos, de forma equivocada, em sua transparência lógica.

As disputas no digital se manifestam de diferentes modos nos artigos que encerram este dossiê. Em “**“Quem mandou matar?: argumentação, textualidade seriada e dispositivo vitimário no confronto entre hashtags”**”, observamos como uma pergunta sintetiza um gesto de denúncia constantemente deslegitimado a respeito do caso da morte da vereadora Marielle Franco. Nesse funcionamento, a tensão ocorre na circulação no digital a partir de paráfrases formuladas como novas perguntas estruturadas em torno do enunciado que dá título ao artigo. Com base nessa dinâmica, os autores Deborah Danny da Silva Pereira e Fernando Ferreira da Silva Ananias observam o deslocamento da posição de vítima e seus efeitos político-sociais.

Observar o discurso de ódio a partir das formas como ele é tensionado no digital é o que pretende Thiago Alves França, autor do artigo “**Resistência: um oásis no deserto do discurso de ódio**”, assim como Paula Elisie Madoglio Izidoro e Mariana Garcia Carregosa Gaino, autoras de “**Liberdade de expressão na era digital: discussões, à luz da Análise do Discurso, dos efeitos e implicações de comentários de ódio na internet**”. No primeiro artigo, o autor analisa a textualização de discursos de resistência ao discurso de ódio em uma postagem de Facebook, levando em conta, em sua reflexão, a resistência como falha no ritual ideológico, à revelia de uma intencionalidade do sujeito. No segundo artigo, que encerra este dossiê, as autoras analisam comentários misóginos, xenófobos e intolerantes em circulação no Instagram a respeito da catástrofe natural que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024. Ao identificarem padrões de violência verbal, observam como os discursos de ódio se disseminam com rapidez no ambiente online, favorecidos pelas condições de anonimato e pelas dinâmicas interativas próprias das redes sociais.

Agradecemos às autoras e aos autores deste dossiê pelo envio de suas produções para este número da Revista Primeira Escrita. Esperamos que os artigos aqui reunidos colaborem com a compreensão do Brasil atual e incentivem a produção de novas pesquisas no campo da Análise do Discurso materialista. Uma ótima leitura!

Os organizadores,

Prof. Dr. Flavio da Rocha Benayon (UFMS)  
Profa. Dra. Liliane Souza dos Anjos (UNESP)  
Prof. Dr. Felipe Augusto Santana do Nascimento (IFAL)